

Ensino de Química ambiental em grupo de escoteiros de São Sebastião do Caí - RS

Marina Veronezi Pegoraro^{1*} (IC), Suellen Soares dos Santos¹ (IC), Márjore Antunes¹ (PQ)
*marinavpegoraro@gmail.com

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Feliz. Rua Princesa Isabel, 60, CEP 95770-000. Feliz - RS.

Palavras-Chave: espaço não-formal de educação, escoteiros, química ambiental.

Área Temática: Temas Contemporâneos

INTRODUÇÃO

Um ambiente não formal de educação é um lugar de aprendizagem, em que o processo de ensino ocorre naturalmente sem certas obrigações. A ideia principal é ser um ambiente de acolhida, em que seus integrantes estão ali por interesse próprio e, em tese, querem realizar tudo que é proposto. A educação não-formal é aquela voltada para o ser humano como um todo, cidadão do mundo (GOHN, 2006), de modo a desenvolver diferentes habilidades e atitudes voltadas à vida em sociedade. Como exemplo de espaço não-formal de educação há o Escotismo: movimento que agrega ensinamentos da família e da escola, com foco nos direitos e deveres dos indivíduos. Tendo em vista a importância desses espaços, o curso de Licenciatura em Química do IFRS - Campus Feliz proporciona, em seu currículo, a realização de oficinas nesses locais como uma das atividades do componente de Estágio Curricular Supervisionado I. Dessa forma, o presente trabalho relata as experiências vividas com o Grupo de Escoteiros Taquató, na cidade de São Sebastião do Caí (RS), mais especificamente com o Ramo Lobinho, no qual participaram doze crianças de sete a dez anos.

METODOLOGIA

O planejamento das oficinas temáticas se deu ao longo de um mês como parte do componente de Estágio Curricular Supervisionado I. As oficinas foram realizadas em dois encontros de duas horas, totalizando quatro horas de atividades. A determinação prévia do tema "Meio Ambiente" foi realizada em conjunto com a Chefia do grupo e os assuntos abordados foram poluição do ar, solo e água, a separação e descarte correto de resíduos sólidos, bem como a reciclagem. Os objetivos maiores com este trabalho oficinaireiro foram desenvolver a integração e cooperação coletiva no grupo, bem como compreender noções básicas sobre o meio ambiente. Os aspectos metodológicos das oficinas foram planejados de modo a abranger momentos de problematização, levantamento de conhecimentos prévios, construção e síntese de conhecimentos. Como estratégias de ensino aprendizagem, deu-se prioridade a

Realização



Apoio



atividades lúdicas, como experiências (incluindo a produção de um polímero biodegradável a partir da tapioca), jogos adaptados de atividades típicas dos escoteiros (jogo da Estrela, por exemplo) e a confecção de um brinquedo com material reciclado, de modo a manter as crianças sempre ativas e protagonistas nas atividades propostas e com o intuito do “aprender brincando”. A avaliação ocorreu ao longo de todo o tempo das oficinas, de modo a adaptar as atividades com base em contratempos, bem como com base nas respostas e participação das crianças.

RESULTADOS

Ao longo das oficinas, a devolutiva das crianças foi perceptível, a interação e a participação foram pontos-chave nesta experiência. Utilizando essas estratégias metodológicas foi possível, além de conquistar esse grupo, efetivar e dar significado ao processo de ensino aprendizagem nos lobinhos. A metodologia se provou eficaz, visto que ao final de cada oficina eram realizados jogos com a finalidade de verificar a compreensão de todo conteúdo abordado. E neles os resultados foram imensamente satisfatórios. As crianças, além de se mostrarem empolgadas com a avaliação em formato diferente, também demonstraram o conhecimento pleno sobre todos os assuntos trabalhados nas oficinas. Como em qualquer outro âmbito da vida, a educação também acontece processualmente, é uma jornada. Logo confirmou-se que foram obtidos resultados durante todo o processo de oficina: da conversa inicial sem peso conceitual até a última atividade mais avaliativa. Nesse sentido, a aprendizagem se deu ao longo do processo, durante as interações, em que era possível verificar a curiosidade e interesse das crianças em participar das atividades, ao invés de apenas observar.

CONCLUSÕES

Com a experiência das oficinas no grupo escoteiro Taquató, evidenciou-se que é possível trabalhar a química ambiental com crianças de diferentes idades. Além disso, pode-se concluir que é possível atingir uma aprendizagem mais significativa com o uso de metodologias mais lúdicas. Por fim, foi possível compreender que a educação também se faz além dos muros da escola e que para ser um bom educador é preciso se reinventar e se adaptar aos diferentes públicos.

REFERÊNCIAS

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: avaliação em políticas públicas e educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

Realização



UFPEL

Apoio



Página | 2